



Divulgação

## LANÇAMENTO HOJE

**Grande Dicionário do Quadrinho Brasileiro, de Gutemberg Cruz. 15h, Museu Eugênio Teixeira Leal**

### JOÃO PAULO BARRETO

Crítico de cinema

Nos dois textos apresentados em A TARDE nos últimos quatro anos e que tinham algum dos trabalhos de Keanu Reeves como pauta, foi citada a maneira como o ator traz uma energia palpável e oriunda de seu próprio entusiasmo para seus projetos focados em espetáculos visuais de ação. Sejam projetos cinematográficos ou aqueles voltados para quadrinhos com potencial de se tornarem filmes, a paixão do astro em tornar aquela simples leitura, ou as mais de duas horas de pancadaria, violência gráfica e ação frenética em um exercício de estilo visual calcado no regozijo de sua audiência, é sempre um esforço crível existente na construção dos filmes e/ou graphic novels que trazem seu nome no topo.

Foi o caso de *John Wick: Parabellum*, produção lançada em maio de 2019; do excelente retorno à *Matrix* em sua quarta parte, o subestimado *Resurrections*, lançado em 2021; e de *BRZRKR*, revista em quadrinhos co-escrita pelo ator e lançada no ano passado, todos os três trabalhos analisados neste caderno.

Assim, voltar a visitar e a falar de seu segundo personagem mais marcante (Neo, na quadrilogia das irmãs Wachowski, ainda ocupa o trono), é um exercício revigorante de análise desse cinema estiloso de ação que representa a franquia *John Wick* e do modo ímpar de entrega de seu ator principal. Aqui, a trajetória errática do atormentado matador e sua busca por vingança contra aqueles que, em uma atitude de consequências em bola de neve, mataram seu cachorro, tentaram matá-lo e o trouxeram de volta a um mundo do qual ele queria distância, alcança, nessa quarta parte, um patamar de frenesi que, apesar de ficar abaixo do que vimos em *Parabellum* (o melhor dos quatro filmes da franquia), dá ao público cativo desse tipo de sessão a recompensa diante do investimento de quase três horas dentro da sala escura observando membros decepa-dos, pancadaria e, claro, muitos tiros.

### Hierarquia rígida

Já conhecendo mais profundamente as engrenagens da Alta Cúpula, organização criminosa que tem, em Nova York, o Hotel Continental como sede, além das regras rígidas e seculares da mesma, bem como os tentáculos do grupo que se alastram em âmbito mundial,

## A Volta do

**ESTREIA** Em *John Wick IV - Baba Yaga*, Keanu Reeves volta com mais de duas horas de um absurdo frenesi imagético quase ininterrupto

# Bicho-papão



Fotos: Murray Close (Lionsgate) / Divulgação

**Dono da situação, Keanu Reeves volta de terno preto para estourar cabeças e gangsters**



**Não importa a arma do oponente, Keanu desce-lhe a madeira**



**Desta vez ele vai a Tóquio, Moscou e Paris em busca de ação**

**Prossegue a vingança do matador contra os gangsters que mataram seu cachorro**

**O filme opera em estrutura de vídeo-game: a cada sequência, Wick segue mais forte à "próxima fase"**

o novo filme da franquia, batizado de *Baba Yaga* (uma referência ao termo que designa o bicho-papão na cultura eslava), apresenta outros elementos deste universo.

Dentre eles, a figura de um mediador para tempos de guerra (Clancy Brown), juntamente à estrutura hierárquica daquele universo que, no seu

topo, encontra na figura de Bill Skarsgård a exata descrição do burocrata frouxo a se vender de brabo, mas que fica atrás da mesa com algo a mais na mão.

Assim, mesmo com todas essas novos elementos, a quarta parte da saga foca, claro, nos embates que o anti-herói (que não usa capa, mas um terno à

prova de balas) tem que travar para seguir em frente na sua busca pela blindagem dentro da Alta Cúpula. É inevitável perceber, no entanto, que o filme cria uma série de obstáculos para seu protagonista avançar nesse caminho violento, construindo uma estrutura de vídeo-game na qual, a cada sequência de tiros e pancadaria, Wick parece seguir mais forte para a "próxima fase", sendo que, cada uma delas, representa um desafio mais árduo dentro daquela rota suicida.

### Escalada insana

Funcionando como um exercício de estilo referencial ao cinema oriental, principalmente de Senjun Suzuki e John Woo, *Baba Yaga* traz, claro, uma sequência que homenageia à altura tais cineastas ao colocar Hiroyuki Sanada e Donnie Yen, dois dos rostos orientais mais familiares do cinema atual, em um confronto em plena Tóquio moderna.

Além disso, ao seguir para o além mar, deixando Nova York como destaque apenas para a fabulosa parte três, este capítulo 4 ambienta suas sequências dentro em cada país por onde John Wick passa de maneira a marcar cada uma de modo único.

Deste modo, quando vemos o anti-herói lutar contra um chefe brutamontes do crime russo dentro de uma casa noturna em Moscou onde, em meio às luzes frenéticas e música às alturas, na melhor representação do estilo visual daquele cinema, seus frequentadores não notam todo caos que os cerca; ou mesmo quando as ruas que levam ao Arco do Triunfo na avenida Champs Elysées servem como cenário de guerra entre Wick e um exército contratado para matá-lo, e o trânsito mal parece se abalar diante daquele show de horrores e chumbo – bom são construções de cenas que definem a proposta absurdamente cativante da franquia.

Em seu encerramento, quando a famosa escadaria com mais de duzentos degraus que levam à Basílica parisiense de Sacré-Cœur serve como a final (e literal) escalada insana de violência do vingativo e atormentado homem, percebemos como a meta de alcançar e ultrapassar níveis absurdos de brutalidade foi batida com esmero.

**JOHN WICK 4: BABA YAGA (JOHN WICK: CHAPTER 4) / DIR.: CHAD STAHLSKI / KEANU REEVES, DONNIE YEN, BILL SKARSGÅRD, LAURENCE FISHBURNE, IAN MC SHANE, HIROYUKI SANADA, SHAMIER ANDERSON / COM / SALAS E HORÁRIOS: CINEMA.ATARDE.COM.BR**

### MÚSICA

## Parceiro de Belchior em *Vício Elegante*, Ricardo Bacelar faz show amanhã

### TIAGO FREIRE\*

Levando o nome do quinto álbum, o músico cearense Ricardo Bacelar apresentará neste sábado o show *Congênito*, como parte de turnê. A apresentação será no Teatro da Casa Rosa, no Rio Vermelho, e os ingressos podem ser adquiridos via Sympla.

Além do cantor, a turnê *Congênito* conta com a companhia de Herlon Robson Braz, no teclado, Denilson Lopes, na bateria, Miqueias dos Santos, no baixo, Stênio Gonçalves, na guitarra, Hoto Jr., na percussão e Carol Damasceno, backing vocal, todos acompanhando o músico no palco.

"É uma banda de músicos muito experientes, amigos próximos e que vão trazer seus talentos para o show. Como temos essa banda que tem tantas possibilidades, por ser uma composição variada, temos a possibilidade de ter mais contrastes no show. Faço no piano e na voz aqueles momentos intimistas. Depois disso fizemos alguns com a banda, que

são de mais peso. É importante esse contraste", comenta.

"O que não pode ter é um show previsível, que é maçante, chato. Ela não lhe surpreende, você se desliga e fica ali no automático. Eu gosto muito de conduzir a música de forma que surpreenda. É preciso esse contato e esse carinho com o público", ressalta.

A apresentação também contará com *Vício Elegante*, música feita em parceria com o "lendário" conterrâneo Belchior. Além dela, também haverá músicas da época do Hanoi Hanoi, banda da qual foi integrante antes de seguir a carreira solo.

"Agrega muito para o show, não só pelo gosto do público, pois dá realmente esse sentido à mais para as músicas. São aquelas músicas do Hanoi Hanoi, mas com outra interpretação, com uma releitura. E como foi algo parte da minha vida, eu busco lembrar, foi uma banda que fez parte de mim e da cena musical brasileira como um todo", diz.

### A mesma, mas diferente

Descrito por Bacelar como um álbum de intérprete, *Congênito* busca trazer um mosaico de ritmos e reunir músicas do gosto do artista. Segundo Ricardo, o projeto foi começando com alguns testes em um estúdio de gravação que havia montado em casa no ano passado. O que começou com apenas alguns testes logo evoluiu para um álbum contendo regravações e interpretações de grandes nomes da música popular brasileira.

"Um dos critérios que eu usei foram os textos, as letras, terem algo haver com o que eu acredito e as músicas terem entre si uma unidade e uma faixa de representatividade. Eu escolhi esses artistas que têm entre 70-80 anos, que tem essa similaridade. Escolhi os discursos me apropriando deles para poder interpretá-los" detalha. "Quando você canta, você internaliza o discurso, se não você não consegue passar para as pessoas. Então escolhi com base nas que eu gostei de cantar e que tem discursos que



Leo Costa / Divulgação

**No repertório, canções de Caetano, Lenine, Luiz Melodia, autorais e da banda Hanoi Hanoi, da qual foi integrante**

positor, eu gosto quando alguém toca minha música e contribuindo com ela, dá um novo valor para ela. Quando você muda o tom, o arranjo, a música renasce de novo. Às vezes você tira o paletó e coloca o blazer. Na música você precisa colocar ela em outro traje para ela", pontua.

"A gente tem aquela música que mudamos o jeito de tocar uma, duas, três vezes. Cansamos e queremos mudar. O importante é que mesmo trocando a forma, você passar a mensagem dela e passar com emoção que é o que o espectador e o fã gostam. A música é uma linguagem forte e que tem muito do emocional, tanto de quem toca quanto de quem escuta. Há um esforço para que a música saia sempre de forma especial, nunca a mesma", conclui Bacelar.

**RICARDO BACELAR: CONGÊNITO / AMANHÃ, 21H / TEATRO CASA ROSA / R\$ 84 E R\$ 42 / VENDAS: SYMPLA**

\*SOB SUPERVISÃO DO EDITOR CHICO CASTRO JR.

eu acredito e que tem esse senso de unidade", diz.

Dentre as canções escolhidas estão *O Último Pôr do Sol* (Lenine e Lula Queiroga), *Congênito* (Luiz Melodia) e *A Tua Presença Morena* (Caetano Veloso), entre outras.

"Na hora de gravar e formar, eu procurei dar às músicas um novo olhar. Tem algumas muito conhecidas, outras não, o mais importante foi minha leitura. Todas as músicas tem seus arranjos que possibilitam brincar bem com

eles. Eu sou um pianista e dei esse olhar, de pianista, para essas músicas", afirma.

Na visão do cantor, as interpretações de músicas desempenham um papel ímpar. Não somente por manter aqueles ritmos ainda populares, mas por fornecer novas interpretações para elas que aprofundam o entendimento e o gosto popular.

"Quando você reinterpreta algo de alguém, você deve trazer uma contribuição, se não é um mero cover. Eu como com-